

ATUAÇÃO DE FATORES SOCIAIS SOBRE A VARIAÇÃO NA  
CONCORDÂNCIA VERBAL NO FALAR BRASILEIRO

*THE ROLE OF SOCIAL FACTORS UPON THE VARIATION ON THE  
VERBAL AGREEMENT IN THE BRAZILIAN SPEECH*

Maria Lidiane de Sousa Pereira<sup>1</sup>

Aluiza Alves de Araújo<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho aborda a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3ª pessoa do plural (3PP) com o intuito de observar como e em que medidas fatores de natureza social interferem no apagamento e/ou manutenção das marcas de concordância padrão. Para tanto, realizamos um levantamento bibliográfico de estudos desenvolvidos à luz da Sociolinguística variacionista (LABOV, 2001, 2008 [1972]) sobre o fenômeno em tela. Através deles, observamos quais fatores sociais são constantemente apontados como relevantes, sendo eles: escolaridade, faixa etária e sexo/gênero.

Palavras-chave: variação; concordância verbal; fatores sociais.

**ABSTRACT:** This work investigates the variation between verb-subject in the 3rd person of plural (3PP) with the aim of observing in which ways factors of social nature interfere in the erasing and/or maintenance of marks of the standard agreement. In order to do so, we made a bibliographic review of works developed in the light of variationist sociolinguistics (LABOV, 2001, 2008 [1972]) about the phenomenon in question. Through them we observe which social factors are constantly pointed as relevant, such as: education, age and sex/gender.

Keywords: variation; verbal agreement; social factors.

---

<sup>1</sup> Mestranda, UECE.

<sup>2</sup> UECE.

## 1. INTRODUÇÃO

Nos primórdios da linguística moderna, iniciada com os trabalhos de Saussure (2012 [1916]), os estudos sobre o fenômeno linguístico estavam pautados essencialmente em posturas internalistas. Isso significa dizer, dentre outras coisas, que as relações entre linguagem e sociedade eram assumidas, mas descartadas da agenda de interesses de linguistas vinculados a correntes como estruturalismo (SAUSSURE, 2012 [1916]) e gerativismo (CHOMSKY, 1965), que dominaram o cenário dos estudos linguísticos, pelo menos até a primeira metade do século passado.

Naturalmente, sempre houve quem defendesse a necessidade de analisar as línguas naturais “não apenas ou tão somente pelo tipo de sistema que ela é, mas pelo modo através do qual ela se relaciona com seus exteriores teóricos, com o mundo externo, com as condições múltiplas e heterogêneas de sua constituição e funcionamento” (MORATO, 2011, p. 312). Assim, assistimos, ao longo das décadas que sucedem às propostas saussurianas, ao surgimento de diversas disciplinas pautadas em posturas externalistas para o estudo do fenômeno linguístico, como a Análise do discurso, a Linguística textual, a Pragmática, a Semântica enunciativa, a Sociolinguística, dentre outras.

Para a realização deste trabalho, foi dada ênfase à Sociolinguística, mais particularmente à vertente variacionista (LABOV, 2001, 2008 [1972]). Para ela, pensar o sistema linguístico longe das funções sociais que cumpre é tarefa inconcebível. De forma mais precisa, interessa à Sociolinguística variacionista analisar os inúmeros fenômenos de variação que emergem das relações entre língua e sociedade e observar a atuação não somente de fatores linguísticos, mas também de fatores sociais sobre os mais diversos fenômenos de variação linguística.

Tendo como pano de fundo esse cenário, buscamos, com este artigo, observar quais fatores sociais têm atuado sobre um fenômeno bastante recorrente no português do Brasil, isto é, a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP. Em linhas gerais, esse fenômeno se manifesta com o emprego das marcas de concordância padrão, tal como prega a tradição normativa *versus* a ausência de tais marcas, conforme as ilustrações 1 e 2:

- 1) **Nossos filhos são** o futuro de amanhã.
- 2) **Mocinhas de dez anos** que pra mim **é** crianças.<sup>3</sup>

Para atingir nosso objetivo, realizamos um apurado levantamento bibliográfico acerca dos estudos sociolinguísticos que contemplam o fenômeno em tela e observamos quais fatores sociais têm sido frequentemente apontados como relevantes. Para fins metodológicos, dividimos este trabalho em três grandes seções, além desta introdução e de nossas considerações finais. Assim, na seção dois, delineamos os procedimentos metodológicos percorridos. Na seção três, apresentamos alguns dos principais resultados obtidos para a atuação de fatores sociais sobre o fenômeno de variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP no falar brasileiro, a partir dos trabalhos que selecionamos. Na seção quatro, por sua vez, discutimos alguns dos principais pontos que assinalam os resultados obtidos nas pesquisas consideradas.

## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a seleção dos estudos variacionistas sobre a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP considerados neste artigo, estabelecemos quatro critérios:

---

<sup>3</sup> Ilustrações retiradas de Oliveira (2005, p. 117, destaques no original).

(i) a pesquisa deveria ter como aporte teórico-metodológico a Sociolinguística variacionista (LABOV, 2001, 2008 [1972]); (ii) o estudo deveria ter sido realizado com base na linguagem oral de informantes devidamente situados em suas respectivas comunidades de fala; (iii) demos preferência aos estudos desenvolvidos nas últimas duas décadas e (iv) optamos por considerar duas pesquisas para cada região brasileira, embora não tenhamos estabelecido critérios para a seleção de trabalhos por estados.

A respeito do nosso último critério, é importante lembrar que, até o término deste artigo, não tomamos conhecimento de pesquisas sobre o fenômeno de variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP na região Norte do Brasil. Esse pode ser um indício de que, apesar de ser um fenômeno amplamente estudado no português do Brasil, ainda é possível verificar a carência de estudos sobre ele em algumas regiões do país, bem como a necessidade de redobramos nossos esforços para tentar compreendê-lo em sua amplitude e complexidade.

Posto isso, selecionamos para discussão os trabalhos de Oliveira (2005) e Alves da Silva (2005), para a região nordeste; Sgarbi (2006), no centro-oeste; Almeida (2006) e Monguilhott (2009), para a região sul; e Monte (2007) e Rubio (2008), para a região sudeste. Ressaltamos que inicialmente pretendíamos considerar, ao menos, dois estudos por região. Contudo, se para a região Norte não localizamos nenhum trabalho, para a região Centro-Oeste tivemos notícia apenas da pesquisa de Sgarbi (2006).

Por último, assinalamos que, em virtude das evidentes diferenças quanto à constituição das amostras usadas nos estudos observados aqui, evitamos estabelecer comparações entre os resultados obtidos para cada pesquisa. Assim, limitamo-nos a apontar e discutir quais fatores sociais mais interferem na variação de concordância entre verbo-sujeito na 3PP, no cenário dos estudos abordados. Acreditamos que, apesar das limitações citadas, foi possível construir um significativo panorama acerca

do comportamento de fatores sociais sobre o fenômeno em foco. Conhecer, portanto, quais fatores constantemente interferem na realização de um fenômeno de variação muito recorrente em nossa língua é, em nossa compreensão, tarefa essencial para o entendimento de seu funcionamento.

Para a seção seguinte, pressupomos que o leitor possua alguma familiaridade com os princípios metodológicos da perspectiva variacionista. De igual modo, vale pontuar que, para a referida seção, tentamos abordar os procedimentos metodológicos usados em cada um dos estudos considerados, o mais simples e resumidamente possível, ainda que reconheçamos os perigos desse tipo de abordagem. Afinal, ao passo que procuramos sintetizar os resultados alcançados, corremos o risco de deixar escapar pontos que o leitor pode julgar significativos para sua compreensão.

### 3. VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL E SEUS FATORES SOCIAIS

Oliveira (2005) observou a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP a partir de amostra de fala colhida em Vitória da Conquista — BA. O *corpus* de seu estudo, resultante de atividades de pesquisas sociolinguísticas realizadas pela Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB), foi construído a partir de 48 inquéritos de informantes nascidos e residentes na região. Os falantes foram estratificados igualmente segundo o sexo: 16 homens e 16 mulheres; três faixas etárias: I (15 a 25 anos), II (26 a 49 anos) e III (acima de 50 anos); e três níveis de escolarização: I (fundamental), II (médio) e III (superior). Esses grupos foram elencados como os fatores sociais testados na pesquisa.

Dentre os 48 inquéritos que compõem o *corpus* de seu estudo, foram selecionados 32, nos quais foram localizadas 3.200 ocorrências de variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP. Dentre tais ocorrências, 49% representavam

a concordância não-padrão e 51%, a concordância padrão. A partir disso, o pacote de programas computacionais conhecido como VARBRUL<sup>4</sup>, usado por Oliveira (2005), indicou que o fenômeno em tela estava sendo influenciado, nesta ordem de relevância, pelos fatores sociais *escolaridade* e *faixa etária* (OLIVEIRA, 2005, pp. 112-113).

Em relação à escolaridade, notou-se que os falantes com ensino fundamental (61% e peso relativo<sup>5</sup> 0.67) favorecem o uso da concordância não-padrão. Por outro lado, os falantes com ensino superior (34% e 0.28) não se mostraram adeptos do uso da norma em questão. Com a variável faixa etária, os informantes com mais de 50 anos (55% e 0.60) se mostraram favoráveis ao uso da variante não-padrão. Em sentido oposto, os falantes com 15-25 anos (46% e 0.38) e com 26-49 anos (44% e 0.48) não favoreceram a referida regra.

Em Alves da Silva (2005), foram observadas três comunidades do interior do estado da Bahia: Poções (urbana), Cinzento e Morrinho (rurais). Os *corpora* de seu estudo fazem parte do *Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia*. Tanto para a primeira comunidade como para a segunda e terceira foram selecionados 12 informantes, estratificados segundo o sexo: 6 homens e 6 mulheres; faixa etária: I (informantes de 20 a 40 anos), II (informantes de 41 a 60 anos) e III (acima de 61 anos) e grau de escolarização: precária<sup>6</sup> e analfabetos.

Ao todo, o estudioso registrou 2.100 ocorrências do fenômeno em estudo, dentre as quais 17% apresentavam marcas de concordância padrão e 83%

---

<sup>4</sup> O VARBRUL é um pacote de programas computacionais, bastante usado pelos sociovariacionistas, que descreve padrões de variação entre formas variantes e fornece cálculos, apontando a frequência de uso e o peso para cada uma delas (GUY; ZILLES, 2007). Foi introduzido por Rousseau e Sankoff em 1978 (Cf. PINTZUK, 1988). Atualmente, muitos estudiosos têm trabalhado também com o GoldVarb X, uma versão do VARBRUL para o ambiente do *Windows* (SANKOFF; TAGLIAMONT; SMITH, 2005). Em todos os trabalhos considerados aqui, os autores utilizaram um desses programas.

<sup>5</sup> É denominado peso relativo a indicação do efeito que cada fator selecionado exerce sobre as variantes observadas. É interpretado como favorável, para uma variável binária – caso do fenômeno que consideramos neste trabalho –, se o valor for superior a 0.50, como inibidor se for inferior a 0.50 e como neutro se for igual a 0.50 (SCHERRE; NARO, 2012).

<sup>6</sup> Por escolarização precária, o autor entende os anos de escolaridade que giram em torno de 1 a 4 anos.

registravam sua ausência. Dentre os fatores sociais testados na pesquisa, o *sexo* e a *faixa etária* foram, segundo esta mesma ordem de relevância, apontados como pertinentes para o estudo.

Ao analisar o comportamento da variável *sexo*, Alves da Silva (2005) constatou que falantes do *sexo* feminino não favorecem o emprego da concordância padrão (14% e 0.43), enquanto que informantes do *sexo* masculino mostram-se favoráveis à concordância padrão (21% e 0.57) (ALVES DA SILVA, 2005, p. 274). O segundo grupo de fatores sociais a se mostrar importante para a referida pesquisa foi a *faixa etária*. Ao analisá-la, o autor verificou que os jovens entre 20 e 40 anos (26% e 0.54), assim como os que possuíam entre 41 e 60 anos (16% 0.54), favoreceram o uso da variante padrão (Ibid., p. 281).

Sgarbi (2006) estudou a variação entre verbo-sujeito na 3PP com base em amostra de linguagem falada em 30 municípios do Estado do Mato Grosso do Sul, registrada em um *corpus* constituído por 30 dos 77 inquéritos que formam o *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* — ALMS.

Os falantes selecionados foram devidamente estratificados segundo o *sexo*: 15 homens e 15 mulheres; a *faixa etária*: I (de 12 a 20 anos), II (de 21 a 30 anos), III (de 31 a 49 anos) e IV (acima de 50 anos); a *escolaridade*: I (nula), II (Ensino Fundamental Incompleto) e III (Ensino Fundamental Completo); e a *procedência*: rural e urbana.

Tal estratificação constituiu o quadro dos fatores sociais testados pela autora, sendo a *procedência* e o *sexo* apontados, nessa mesma ordem, como os mais significativos. Frisamos que, para a referida pesquisa, foi registrado um total de 832 ocorrências do fenômeno em análise, com 47% apresentando o emprego das marcas de concordância padrão e 53%, a concordância não-padrão.

A variável *procedência* apontou que os falantes oriundos de zonas urbanas tendem a favorecer o uso da concordância padrão (77% e 0.79), ao contrário dos falantes de zonas rurais (27% e 0.29). Assim como a variável *procedência*, o *sexo*

também se mostrou relevante para o estudo de Sgarbi (2006). Com essa variável, constatou-se que as mulheres favorecem o uso da concordância padrão (74% e 0.77), enquanto que os homens (28% e 0.30) não se revelaram adeptos do uso da regra em estudo.

Almeida (2006) observou o comportamento variável da CV com a 1ª, 2ª e 3ªPP, na comunidade remanescente de escravos de São Miguel dos Pretos localizada em Restinga — RS. Ressaltamos que consideramos apenas os resultados obtidos para a última pessoa gramatical. A amostra de Almeida foi constituída por 24 informantes: 12 homens e 12 mulheres, estratificados em três faixas etárias: I (de 15 a 24 anos), II (de 40 a 64 anos) e III (de 65 a 90 anos). Ao todo foram coletadas 1.044 ocorrências de variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP, dentre as quais 81% apresentavam marcas de concordância padrão e 19% compreendiam o uso da concordância não-padrão (ALMEIDA, 2006, p. 107). Para o estudo em foco, apenas a variável *faixa etária*, dentre as variáveis sociais controladas, foi apontada como relevante.

Assim, a faixa etária indicou que os informantes de 15 a 24 anos de idade favorecem a concordância padrão (83% e 0.64), bem como os falantes de 40 a 64 anos (82% e 0.56). Em sentido contrário, revelou-se que falantes de 65 a 90 anos não são aliados ao uso da concordância padrão (79% e 0.38) (Ibid., p. 124).

Monguilhott (2009) estudou a variação na concordância verbal com a 3PP sincrônica e diacronicamente em duas comunidades de fala: Florianópolis — SC e Lisboa, capital de Portugal. Ressaltamos que nos detivemos apenas aos resultados obtidos para as análises sincrônicas realizadas na primeira comunidade. A amostra usada em seu estudo foi constituída por 16 entrevistas, nas quais os informantes foram estratificados segundo o sexo: homens e mulheres (jovens e velhos) e a escolaridade (superior e fundamental).



Em um total de 794 ocorrências do fenômeno investigado, 80,6% apresentaram a concordância padrão e 19,4% a concordância não-padrão. A partir disso, o GoldVarb X apontou como estatisticamente relevante e, nessa ordem, as variáveis sociais *faixa etária* e *escolaridade* (MONGUILHOTT, 2009, p. 115). Com isso, indicou-se que os falantes com os perfis jovens/ensino superior (89%, e 0.74) e velhos/ensino superior (88% e 0.52) atuaram como favorecedores da concordância padrão. Em sentido contrário, os falantes com os perfis: jovens/ensino fundamental (72% e 0.32) e velhos/ensino fundamental (67% e 0.28) não beneficiaram o uso da concordância padrão (MONGUILHOTT, 2009, p.132).

Monte (2007) estudou a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP na comunidade periférica de São Carlo — SP a partir de dados coletados em 20 entrevistas sociolinguísticas, elaboradas pelo estudioso com homens e mulheres da comunidade que possuíam escolaridade nula ou cursavam o ensino fundamental pelo EJA, além de serem oriundos das regiões Norte e Sul/Sudeste de São Carlo. Com isso, alcançou um total de 1.000 dados, com 75% dos casos apresentando concordância não-padrão e 25% concordância padrão. Entre as variáveis sociais testadas, o *gênero*<sup>7</sup> e a *escolaridade* foram, nessa ordem, apontados como estatisticamente relevantes (MONTE, 2007, p. 68).

Os fatores que constituíram a variável gênero mostraram que, para a variação entre verbo-sujeito na 3PP na comunidade estudada, os homens não favoreceram o uso da concordância padrão (25% e 0.45), enquanto as mulheres se mostraram favoráveis ao uso da concordância padrão (26% e 0.55) (Ibid., p. 96). Já o fator escolaridade apontou que os falantes não escolarizados não favoreceram a concordância padrão (19% e 0.40), enquanto os falantes escolarizados pelo EJA (31% e 0.60) mostraram-se aliados ao uso da norma em questão (Ibid., p. 98).

---

<sup>7</sup> Usamos o termo gênero, em consonância com o trabalho original, para nos referirmos aos falantes do sexo masculino e feminino. Lembramos que, embora esse seja o termo adotado por Monte (2007), ele é usado apenas para fazer distinções biológicas. O mesmo é válido para o trabalho de Rubio (2008).

Em Rubio (2008), a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP foi estudada na comunidade de São José do Rio Preto — SP. A amostra de sua pesquisa foi constituída a partir da seleção de 76 entrevistas provenientes do banco de dados *Projeto Amostra Linguística do Estado de São Paulo* (ALIP). A estratificação dos informantes se deu com base nas distinções entre gênero (masculino e feminino), escolaridade (I — 1º ciclo do ensino fundamental; II — 2º ciclo do ensino fundamental; III — ensino médio; e IV — ensino superior) e faixa etária (I — de 7 a 15 anos; II — 16 a 25; III — de 26 a 35; IV — 36 a 55; e V — acima de 55 anos).

Entre os 2.694 dados coletados, verificou-se a presença da concordância padrão em 70% e da concordância não-padrão em 30% das ocorrências. Em termos de relevância, foram apontadas pelo VARBRUL como estatisticamente significativas e, nesta ordem, as variáveis sociais *escolaridade* e *faixa etária* (MONTE, 2008, pp. 81-82).

Com a variável escolaridade, observou-se que, quanto maior o grau de escolaridade do falante, maiores as probabilidades de haver a concordância padrão, uma vez que os informantes que possuíam ensino superior completo atingiram 87% de frequência e peso relativo de 0.73 para a concordância padrão, seguidos dos informantes com ensino médio completo (74% e 0.52). Em contrapartida, os falantes com o 2º ciclo do ensino fundamental completo atingiram um índice de 60% e peso relativo igual a 0.40 para a concordância padrão, enquanto entre os que possuíam o 1º ciclo do fundamental o percentual para concordância padrão foi de 56% e peso relativo de 0.28 (RUBIO, 2008, p.93). A variável idade, por sua vez, indicou que os falantes mais velhos (faixa V: acima de 55 anos) favorecem o uso da concordância padrão (73% e 0.57), ao passo que os mais jovens (faixa I: de 7 a 15 anos) não se mostraram aliados ao uso da regra em questão, atingindo uma frequência de 56% e peso relativo igual a 0.39 (Ibid., p. 113).

#### 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Dentre as variáveis sociais, a *faixa etária* foi a que mais se destacou nos trabalhos que observamos, figurando notoriamente em cinco deles: Oliveira (2005), Alves da Silva (2005), Almeida (2006), Monguilhott (2009) e Rubio (2008). Em seguida, os fatores *escolaridades* e *sexo/gênero*<sup>8</sup> se destacaram em três estudos. A primeira marcou os estudos de Oliveira (2005), Monte (2008) e Rubio (2008) e a segunda, os de Alves da Silva (2005), Sgarbi (2006) e Monte (2007). A faixa etária, assim como as demais, tem sido de grande valia para a observação dos fenômenos variáveis, isso porque se acredita que é possível identificar notáveis diferenças entre a linguagem de falantes jovens, adultos e idosos (CHAGAS, 2014).

Em praticamente todos os trabalhos analisados, a tendência que observamos foi a de que falantes mais jovens, ao contrário do que se esperava, mostram-se favoráveis ao uso da concordância padrão, ao contrário dos falantes mais velhos. Esses resultados, naturalmente, têm levado os pesquisadores a procurar explicações com base no perfil social de seus falantes. Assim, uma das teses mais defendidas para tais descobertas é a de que os jovens, por estarem, em sua maioria, procurando inserir-se no mercado de trabalho, procuram adquirir e usar formas mais próximas do padrão gramatical e, geralmente, mais prestigiadas.

Além da variável faixa etária, a escolarização também se mostrou relevante para a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP nas comunidades de fala estudadas por nossos autores. A hipótese defendida, e que, de fato, foi confirmada, é a de que falantes com pouco ou nenhum grau de escolarização tendem a favorecer o uso

---

<sup>8</sup> Nesta seção, usamos os termos *sexo/gênero* tendo em vista que alguns dos estudos comentados na seção 3, e, para os quais a variável se mostrou relevante, usaram o termo *sexo* (OLIVEIRA, 2005; ALVES DA SILVA, 2005; ALMEIDA, 2006; SGARBI 2006; MONGUILHOTT, 2009), enquanto outros optaram por usar o termo *gênero* (MONTE, 2008; RUBIO, 2008).

da concordância não-padrão, enquanto os informantes com mais escolaridade tendem a favorecer o uso da concordância padrão.

Essas expectativas costumam ser mantidas até mesmo na observação de fenômenos linguísticos que não são contemplados pela escola (SILVA; PAIVA, 1996). Afinal, mesmo na ausência da ação padronizadora de instituições de ensino formal, é comum que as sociedades elejam, geralmente com base em critérios desprovidos de rigor científico, formas que devem ser tomadas como modelares. A eleição de tais elementos costuma ter como base a linguagem que 'supostamente' é usada pela camada socialmente prestigiada, encarregada de difundir e assegurar tais marcas entre seus membros, cabendo aos indivíduos de grupos tidos como inferiores se apropriar delas na luta pela ascensão social (BAGNO, 2009).

Diante disso, vale lembrar que os mecanismos de concordância verbal são preocupações frequentes no ensino tradicional de língua materna. Para tal fenômeno linguístico, uma série de regras é elencada, cabendo aos falantes que chegam até nossas salas de aula apreendê-las e empregá-las em suas atividades de interação verbal. Não obstante, os resultados obtidos nos trabalhos considerados por nós apontam para o que nos parece uma tendência. Isto é, vimos que o uso da concordância verbal padrão e não-padrão parece manter ligação direta com o grau de escolaridade possuído pelo falante. Isso porque os informantes com mais anos de escolarização se mostraram favoráveis ao uso da concordância padrão, ao passo que falantes com pouca ou nenhuma escolarização se mostraram aliados ao uso da concordância não-padrão.

Além da faixa etária e da escolaridade, papel importante também foi atribuído à variável sexo/gênero no trato da variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP. Por exercerem papéis sócio-históricos diferentes, homens e mulheres, não raro, apresentam nuances em seus comportamentos linguísticos, em praticamente todos os níveis linguísticos: fonético-fonológico, morfossintático, lexical, entre outros. Essas e

outras constatações podem ser feitas a partir de observações superficiais, desde que cuidadosas. O que interessou para os trabalhos que analisamos foi apontar o quanto a variável sexo/gênero interfere no uso da concordância padrão e/ou não-padrão.

A hipótese clássica, assumida em todos os estudos que discutimos para a observação da variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP, é a de que mulheres tendem a usar, com maior frequência, formas linguísticas com prestígio social mais elevado, isto é, a concordância padrão. Em sentido oposto, espera-se que os homens se mostrem “menos preocupados com o uso de uma linguagem prestigiosa e até mesmo mais autorizado socialmente ao uso de um linguajar rude, utilizando, com maior frequência, gírias e palavrões” (BARROZO; AGUILERA, 2014, p. 6), o que, no caso do fenômeno considerado neste trabalho, converge para o uso da concordância não-padrão.

A hipótese clássica para a variável sexo/gênero confirmou-se em dois dos trabalhos observados: Sgarbi (2006) e Monte (2007). Já em Alves da Silva (2005), ela foi refutada. Ao buscar explicações para tal descoberta, esse último estudioso observou que as relações mais estreitas nas comunidades estudadas eram estabelecidas pelas mulheres e constatou que “a mulher quer casada, quer solteira tende a refletir a fala de seu espaço doméstico, apresentando valores de sua comunidade” (ALVES DA SILVA, 2005, p. 290). Vale lembrar que, no referido estudo, o índice de concordância não-padrão foi bem elevado, isto é, igual a 83%. Isso fez com que o autor defendesse que a ausência de concordância padrão figura como uma marca linguística das comunidades observadas. Assim, as mulheres, mais centradas em atividades desempenhadas em suas respectivas comunidades, mostram-se mais propícias à conservação da concordância não-padrão, ao contrário do que se esperava. Em sentido oposto, os homens, supostamente por manterem relações mais ‘abertas’ com outras comunidades de fala, na maioria das vezes, por questões profissionais,

mostraram-se favoráveis ao uso da concordância padrão, contrariando, assim, as expectativas de Alves da Silva (2005).

## 5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao longo deste trabalho, vimos que o fenômeno de variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP é, nas amostras analisadas de distintas localidades do Brasil, influenciado por uma série de fatores sociais. Tais fatores tornam-se cada vez mais conhecidos, graças às apuradas análises estatísticas fornecidas por pesquisas desenvolvidas à luz da Sociolinguística variacionista. A observação da influência de fatores como *sexo/gênero*, *faixa etária* e *escolarização*, dentre outros, são de suma importância para obtermos um panorama significativo acerca dos modos e em que medidas língua e sociedade estão interligadas.

Com base nos estudos que observamos neste artigo, podemos dizer que, apesar das diferenças na configuração das amostras usadas nos estudos de Oliveira (2005), Alves da Silva (2005), Sgarbi (2006), Almeida (2006), Monguilhott (2009), Monte (2007) e Rubio (2008), fatores sociais como a *faixa etária*, a *escolaridade* e o *sexo/gênero* exerceram forte influência sobre a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP em quatro das cinco regiões brasileiras. Esses resultados indicam, portanto, que os fenômenos de variação em tela mantêm relações diretas com esses fatores, o que certamente serve para indicar, dentre outras coisas, que, em hipótese alguma, ele acontece de modo aleatório.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. P. de. *A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS*. 159f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, 2006.

ALVES DA SILVA, J. A. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Universidade Federal da Bahia, 2005.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BARROZO, T. A.; AGUILERA, V. A. Sexo e Linguagem: uma análise a partir das sabatinas dos Ministros do Supremo Tribunal Federal Joaquim Barbosa e Rosa Weber. *Revista da ABRALIN*, v. 13, pp. 13-38, 2014.

CHAGAS, P. A mudança linguística. In FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. 6ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014, pp. 141-163.

CHOMSKY, N. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Armênio Amado, 1965.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change — Social Factors*. Vol. II. Oxford: Blackwell, 2001.

\_\_\_\_\_. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre & Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008.

MONGUILHOTT, I. de O. e S. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PE e no PB*. 2009. 229f. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

MONTE, A. *Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos*. 120f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara — SP, 2007.

MORATO, E. M. O interacionismo no campo linguístico. In MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à Linguística*, v.3: fundamentos epistemológicos. 5ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011, pp. 311-351.

OLIVEIRA, M. dos S. *Concordância verbal de terceira pessoa do plural em Vitória da Conquista: variação estável ou mudança em progresso?* 190f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Universidade Federal da Bahia. 2005.

PINTZUK, S. *Programas VARBRUL*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1988.

RUBIO, C. F. *A concordância verbal na língua falada na região noroeste do estado de São Paulo*. 153f. Dissertação (Mestrado em Letras e Ciências Exatas) — Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.



SANKOFF, D.; TAGLIAMONT, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X: A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 34<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cultrix, [1916] 2012.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo – SP, Editora Contexto, 2012, pp. 147-177.

SGARBI, N. M. F. de Q. *A variação na concordância verbal entre os falantes do Mato Grosso do Sul*. 196f. Tese (Doutorado em Ciências e Letras) — Universidade Estadual Paulista, 2006.

SILVA, G. M.; PAIVA, M. C. A. de. Visão de conjunto das variáveis sociais. In SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (orgs.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, UFRJ, 1996, pp. 335-378.

Submetido em: 18/07/2016

Aceito em: 28/09/2016